



A LINGUAGEM E O SER EM “O QUE É ISTO – A FILOSOFIA?”, DE HEIDEGGER

Mateus Sousa Silveira

Licenciando em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú
mssaakc@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma leitura da relação entre linguagem e Ser em “*O que é isto – a filosofia*”? de Martin Heidegger. A partir da crítica heideggeriana à tradição metafísica, evidencia-se que a linguagem não é mero instrumento de comunicação, mas o lugar onde o Ser se manifesta. Na “casa da linguagem” o homem habita o mundo e compreende seu próprio ser. A hermenêutica, nesse contexto, é o modo fundamental de ser do humano, e a poesia, a linguagem privilegiada do desvelamento (*aletheia*). Por meio dessa leitura, discute-se como a filosofia é um modo de escuta do Ser e de retorno à palavra originária. A reflexão culmina em uma análise da atualidade da linguagem heideggeriana diante do mundo técnico e digital contemporâneo.

Palavras-chave: Heidegger. Ser. Linguagem. Poesia.

ABSTRACT: This paper presents an interpretation of the relationship between language and Being in Martin Heidegger’s “*What is this – philosophy?*”. Drawing on Heidegger’s critique of the metaphysical tradition, it shows that language is not merely an instrument of communication, but the place where Being manifests itself. In the “house of language”, man inhabits the world and understands his own being. Hermeneutics, in this context, is the fundamental way of being for human beings, and poetry is the privileged language of unveiling (*aletheia*). Through this interpretation, the article discusses how philosophy is a way of listening to Being and of returning to the original word. The reflection culminates

in an analysis of the relevance of Heideggerian language in the face of the contemporary technical and digital world.

Keywords: Heidegger. Being. Language. Poetry.

Introdução

Martin Heidegger em seu texto "Qu'est ce que la philosophie?" (O que é isto – a filosofia?) ([1956] 1983),¹ oferece uma reflexão sobre o papel da filosofia. A ideia é que "penetrar na filosofia" é "demorarmo-nos nela, submeter nosso comportamento às suas leis, quer dizer, 'filosofar'" ([1956] 1983, p. 13), desafiando as abordagens predominantes da filosofia ocidental e propondo uma nova maneira de entender a questão do Ser. Este artigo se propõe a examinar essa obra filosófica e filosofia heideggeriana, explorando suas principais ideias sobre a relação entre o Ser e a linguagem, para tanto, mostraremos a questão do Ser para o autor, depois trataremos da linguagem como desvelamento do Ser, a hermenêutica e a Poesia como formas de expressão. As correntes filosóficas que cercam esse período da escrita heideggeriana tendiam a focar em aspectos técnicos e científicos da filosofia, muitas vezes negligenciando questões mais fundamentais sobre a existência e a natureza da realidade. Em contraste, Heidegger percebeu que a questão do Ser estava sendo desviada ou ignorada pela filosofia contemporânea.

A obra, "O que é isto – a filosofia?" representa uma evolução significativa dessa investigação. Enquanto *Ser e Tempo* se concentrou na análise existencial e fenomenológica do Ser, o texto de 1956 reflete uma crítica mais direcionada à prática filosófica e à função da linguagem na revelação do Ser. Heidegger questiona as premissas da filosofia tradicional

1 O título original está em francês, mantido pela tradução de Os Pensadores (1983), porém, neste trabalho usaremos a tradução "O que é isto – a filosofia?"

e sugere uma nova abordagem que busca revitalizar a prática filosófica ao retornar à questão primordial do Ser. O texto oferece uma oportunidade única para reavaliar a filosofia em termos de uma investigação mais profunda e autêntica da existência através do rastreamento das palavras até sua gênese. Nessa obra, Heidegger argumenta que a linguagem desempenha um papel fundamental na revelação do Ser. Em vez de considerar a linguagem como um mero veículo para a comunicação de informações, Heidegger a vê como um meio através do qual o Ser se manifesta e se revela. A linguagem, para Heidegger, tem uma estrutura poética que pode captar as nuances e profundidades da experiência do Ser, “de modo bem diverso e privilegiado à serviço da linguagem” ([1956] 1983, p. 23) e de maneira mais autêntica do que as abordagens técnicas ou científica.

Assim, o filosofar não é uma explicação racional, mas um ato de escutar, um deixar o Ser falar por meio da linguagem. A filosofia, dirá Heidegger, só acontece quando o homem se deixa interpelar pelo que se mostra. Este artigo pretende mostrar que, para Heidegger, a linguagem é o próprio lugar de manifestação do Ser, e que compreender isso é compreender o sentido mesmo da filosofia. Nosso percurso seguirá quatro momentos: (1) a reabertura da questão do Ser; (2) a linguagem como casa do Ser; (3) a hermenêutica como estrutura ontológica da compreensão; e (4) a poesia como linguagem privilegiada.

1 A questão do ser

Conforme Heidegger (1927) “a história do ser rege e determina toda condição e situação humana” (apud Reale e Antiseri, 1991, p. 582): A busca pelo Ser é o movimento da filosofia que é contínuo, desde a Antiguidade Clássica até os dias atuais. Primeiramente, surgiu a ideia de que o ser é o conceito mais universal, a totalidade e, ao mesmo tempo, o mais vazio,

resistindo a qualquer definição precisa. Em seguida, como nos conta Arturo Leyte, Platão e Aristóteles identificaram na face das coisas, a ideia ou substância, o Ser, e por poder ser chamado assim, talvez não seja o Ser, seja apenas a ideia ou substância (2015). Finalmente, considerava-se que o ser é um conceito auto evidente, pois em todo conhecimento ou relação com os entes, e até mesmo na relação consigo mesmo, o conceito de ser está sempre presente. Para nosso autor, nos delimitamos na seguinte proposta: “O ser é aquilo que, de início e em cada caso, já se compreende quando se compreende algo como ente. O ser é aquilo que determina o ente enquanto ente.” (Heidegger, [1927] 2005, pp. 204). O que Heidegger propõe em sua obra é uma análise existencial por meio de sua ontologia fundamental. Para ele, Ser é o conceito mais universal, já que está constantemente presente em nossa lida cotidiana com o mundo, mas é simultaneamente o mais obscuro, exigindo, portanto, discussão e reflexão.

Em *Ser e Tempo* (1927), Heidegger, em vez de abordar o ser de forma abstrata, busca uma compreensão mais concreta, introduz o conceito de *Dasein* para explorar a experiência da existência humana, estabelecendo um novo paradigma para a investigação filosófica (Leyte, 2015). O *Dasein* é o modo específico de ser que possui consciência de seu próprio ser e é, portanto, o ponto de partida para qualquer investigação sobre o ser. Heidegger argumenta que o ser não pode ser compreendido apenas como um conceito universal; ele deve ser explorado através da existência concreta e cotidiana do *Dasein*. Assim, o ser é revelado na forma como o *Dasein* está engajado no mundo, através de suas práticas, preocupações e relacionamentos. (Heidegger apud Reale e Antiseri, 1991, p.583).

O Ser, portanto, não é um objeto. Ele é a condição de possibilidade de qualquer experiência, que é o horizonte em que o mundo pode aparecer. Por isso, Heidegger propõe que o pensamento filosófico não busque defini-lo, mas deixe que o Ser venha a se manifestar. Esse

movimento de deixar-aparecer é chamado por ele de *aletheia*², termo grego que significa desvelamento, ou verdade em seu sentido mais amplo.

O filósofo volta-se para a análise da experiência concreta do ser, e é aqui que o conceito de *Dasein* emerge como Ser-aí, que é um Ser-no-mundo. O *Dasein* é distinto porque é o único ser que possui consciência de seu próprio ser e tem a capacidade de questionar e refletir sobre o ser. Em outras palavras, o “Ser-aí” é o ser que tem uma compreensão explícita de seu próprio ser e da sua existência no mundo, visto que o “aí” se pode compreender como lançado, sendo lançado neste espaço presente de vivência.

Finalmente, em “O que é isto – a filosofia?”, Heidegger aborda a questão da filosofia de uma maneira que toca indiretamente na questão do ser. Embora não trate diretamente do ser, Heidegger oferece uma visão sobre a natureza da filosofia que ajuda a contextualizar sua abordagem ontológica. Ele sugere que a filosofia é a busca incessante pela compreensão mais profunda das questões fundamentais da existência, o que inclui a questão do ser. A filosofia, para Heidegger, é uma forma de pensamento que procura revelar o sentido mais profundo e oculto do ser, além das construções teóricas e conceituais habituais. O pensamento é, pois, um diálogo com o Ser. O que nos faz pensar que a essência do homem não está em produzir conceitos, mas em escutar e guardar o que o Ser diz.³ Por isso, o dizer humano só é verdadeiro quando é um dizer que escuta, e não que domina.

2 A palavra grega *aletheia* designa literalmente o “não-oculto”. Heidegger a resgata para indicar a verdade como o processo pelo qual o Ser se mostra, e não como correspondência lógica entre juízo e realidade.

3 Leyte (2015, p. 27) observa que “o problema do Ser não é uma questão de conhecimento, mas de escuta. Heidegger desloca a filosofia do domínio do saber para o do ouvir”

2 A linguagem como desvelamento do ser

Na obra *A Caminho da Linguagem* ([1959] 2003), Heidegger se dedica a explorar as nuances da linguagem, reafirmando o que havia dito na carta sobre o humanismo com a sua célebre frase "a linguagem é a casa do ser" (p. 127). Essa afirmação nos leva a perceber que a linguagem molda não apenas nossa comunicação, mas nossa própria maneira de estar no mundo. Essa expressão pode ser melhor interpretada assim, a linguagem, na visão de Heidegger, é como uma casa onde o ser reside. Assim como uma casa oferece abrigo e estrutura, a linguagem fornece um espaço onde as experiências do ser podem ser compreendidas e expressas. Através da linguagem, podemos acessar a essência do ser, que se manifesta em diversas formas. A análise de Heidegger sobre o uso da linguagem nos ajuda a entender como as palavras têm um poder criativo e revelador, estabelecendo um vínculo íntimo entre a linguagem e a experiência existencial, o estar no mundo (Heidegger, [1959] 2003).

A ideia de que a linguagem é a casa do ser implica que o modo como falamos e escrevemos vai moldando a maneira como percebemos a realidade. Quando usamos a linguagem para expressar nossas experiências, não estamos apenas comunicando informações, mas também criando um espaço onde o ser pode se manifestar. Essa perspectiva desafia a visão tradicional da linguagem como um mero meio de transmissão de ideias, ou representação das coisas que existem, e vai enfatizando seu papel ativo na construção do significado.

Sobre a construção do significado, Heidegger na obra estudada nos faz compreender a melhor definição de uma palavra, temos o rastreamento das palavras até sua gênese, e conforme demonstrado no texto, o filósofo demonstra essa ideia por meio do rastreamento da palavra grega *philo-sophia*. Em vez de traduzi-la simplesmente como "amor à sabedoria", ele convida o leitor a escutar o que a palavra dizia em sua origem. A palavra, explica ele, é como uma morada antiga: é preciso

percorrê-la, observar suas fundações, ouvir o que ressoa em suas paredes, isto revela uma compreensão densa e complexa daquilo que se diz. Heidegger propõe que o verdadeiro significado das palavras está enraizado em sua origem e na forma como, ao longo do tempo, elas capturam a essência do ser. Esse processo de rastreamento não é meramente etimológico, mas busca compreender como as palavras moldam e são moldadas pela experiência e a existência humana. Ao investigar a gênese das palavras, Heidegger alerta para a necessidade de ultrapassar o senso comum e o uso superficial dos termos para desbloquear uma compreensão mais profunda da realidade. Esse método filosófico enfatiza a importância histórica e contextual das palavras, sugerindo que cada termo carrega uma carga ontológica que influencia nosso modo de ser e de interpretar o mundo. Assim, Heidegger nos remete a uma reflexão mais autêntica e rigorosa sobre a linguagem, desvendando camadas ocultas de significado que dialogam diretamente com a essência do pensamento filosófico. Daí a linguagem ser a maneira com que o *Dasein* (ser-aí) se manifesta como ser-no-mundo (Oliveira, 1996).

No contexto da reflexão de Heidegger, a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação ou representação, mas o local onde o próprio ser acontece, se desdobra e se revela, isto é, o mesmo que estamos defendendo acima, a linguagem como casa do ser. O Padre Manfredo Oliveira, ao comentar Heidegger diz que a linguagem é "a vinculação do homem com o evento do ser" (Oliveira, 1996, p. 215), vemos que o que se está sugerindo é que a linguagem não só articula a experiência humana, mas também é o ponto de contato com o que é fundamental: o ser. O evento do ser, ou seja, a manifestação do ser no mundo, só é apreensível pela linguagem. Assim, não há uma separação entre o ser e a linguagem; o ser "acontece" na própria linguagem e na dinâmica que ela propõe.

Ele ainda acrescenta o fato de "o evento do ser reúne os homens enquanto ouvintes na linguagem" (Oliveira, 1996, p. 216), desta citação podemos apreendê-la como uma convocação ontológica: os seres humanos são chamados a ouvir, a perceber, a captar o ser por meio da linguagem. Ao serem ouvintes da linguagem, os humanos não são meros espectadores passivos, mas participantes ativos da revelação do ser e da experiência do existir.

3 A hermenêutica de Heidegger

A hermenêutica, para Heidegger, é a proposta de que a interpretação é um ato fundamental na nossa relação com o mundo e com a linguagem. A hermenêutica heideggeriana destaca a importância do contexto e da história na formação do significado. Essa perspectiva é essencial para a análise da linguagem, pois nos convida a considerar como a interpretação é moldada por nossas experiências e concepções (Leyte, 2015). Essa perspectiva hermenêutica nos mostra que o ser humano está sempre envolvido em um processo de interpretar o mundo, e essa interpretação nunca é neutra ou descontextualizada. Heidegger destaca que estamos imersos em pré-compreensões (preconceitos) e que essas influenciam profundamente como interpretamos e compreendemos o que nos cerca. Nesse sentido, não podemos acessar diretamente a verdade, mas apenas construí-la a partir da interação com nosso histórico e contexto.

O que vemos no texto “O que é isto – a filosofia?” é que a hermenêutica torna-se particularmente relevante. Ao interpretar a linguagem, não lidamos apenas com os significados literais das palavras, mas com uma rede complexa de sentidos que emerge do contexto histórico, cultural e existencial do intérprete e do falante. Cada palavra ou frase, ao ser ouvida ou lida, está imbuída de camadas de significado que

dependem da vivência, da posição histórica e das expectativas daquele que a interpreta. O que lemos no texto pelo nosso autor filósofo é uma apresentação de várias palavras, como *Philósophos*, e dela começa a interpretação do sentido originário, ou rastreamento até a gênese como chamamos anteriormente, perpassando toda a carga cultural que ela emerge, desembocando na palavra grega *Philosophía*, razão da escrita do discurso, tendo concepções amplas de todo o sentido do nome usado, destruindo aquilo que é raso (Heidegger, [1956] 1983). Sendo então despida de todos os conceitos e definições, a palavra é refeita para novo conhecimento.

4 A poesia como linguagem privilegiada

Heidegger vê a poesia como uma forma especial de linguagem porque ela é capaz de expressar o que escapa às palavras no cotidiano. Em seu texto “O que é isto — a Filosofia?”, ele sugere que a linguagem comum frequentemente esconde ou reduz o ser a categorias e definições fixas. A poesia, por outro lado, rompe com essas limitações. Ela não tem a função de simplesmente transmitir informações, mas de abrir espaço para que o ser se revele de maneira mais livre e profunda. Assim, para Heidegger, a linguagem poética permite que nos aproximemos de realidades que vão além do que conseguimos captar através da prosa e da linguagem técnica. Heidegger afirma nesse texto que é necessário a ligação de pensar e poetar, filosofia e linguagem poética, relacionadas harmonicamente para desvelar o ser (Heidegger, [1956] 1983).

A poesia é, então, uma forma de linguagem que transcende o literal, evocando sentimentos, emoções e experiências que estão além da lógica e do uso funcional das palavras. Poetas como Hölderlin e Rilke, admirados por Heidegger, exemplificam essa capacidade de revelar o ser por meio de imagens e símbolos. Eles não se limitam a descrever o mundo como ele

parece ser, mas convidam o leitor a ver o que está oculto, a perceber o que se esconde sob a superfície da experiência cotidiana (Leyte, 2015). Desse modo, a poesia oferece uma forma de acesso ao ser que a linguagem comum não consegue, pois "ela não tem por finalidade a redução lógica do ser a atributos ou propriedades" (Aquino, 2024)

Além disso, se compreende que Heidegger afirma que a estética desempenha um papel central em nossa compreensão do ser (Leyte, 2015). Em toda sua obra, especialmente na sua segunda fase, ele discute como a arte, e especialmente a poesia, não é apenas algo que apreciamos visual ou emocionalmente. A experiência estética nos conecta profundamente ao ser, revelando verdades que a linguagem cotidiana não consegue expressar. Quando experimentamos a beleza ou a profundidade de uma obra de arte, estamos, segundo Heidegger, em contato com algo mais fundamental — uma verdade que vai além da simples aparência das coisas (Leyte, 2015).

Portanto, a arte, e em especial a poesia, tem uma função ontológica para Heidegger. Ela nos coloca em uma relação mais autêntica com o mundo e nos permite ver o ser de maneira mais clara. Através da poesia, experimentamos uma abertura para o ser, uma oportunidade de ver além das limitações da linguagem cotidiana e do pensamento conceitual. Assim, a experiência estética não é apenas um prazer visual ou intelectual, mas uma forma de estarmos em sintonia com o ser, de nos conectarmos com o que há de mais profundo em nossa existência.

Conclusão

Neste artigo, exploramos a interconexão entre linguagem e ser na filosofia de Martin Heidegger, dando ênfase na sua obra "O que é isto - a filosofia?" Ele argumenta que a linguagem não deve ser entendida como uma ferramenta neutra, mas como um espaço onde o Ser se torna visível

e compreensível. Essa perspectiva implica que a filosofia deve prestar atenção cuidadosa às formas como a linguagem é usada e como ela pode abrir ou fechar possibilidades para a compreensão do Ser. Em vez de focar apenas em conceitos e definições, a filosofia deve engajar-se com a linguagem de uma maneira que permita uma compreensão mais profunda e intuitiva da existência, ora pois, como diz Aristóteles, “O sendo-ser torna-se, de múltiplos modos, fenômeno” (Apud Heidegger, [1956] 1983, 24), forçando a compreensão, o Ser está todo no ente, nas suas formas de aparecer. Em suma, O que é isto – a filosofia? é uma obra, não introdutória, essencial para embarcarmos na filosofia heideggeriana e nas suas contribuições para o pensamento contemporâneo. Através de sua crítica à metafísica tradicional e sua proposta de uma nova abordagem para a questão do Ser e da linguagem, Heidegger oferece uma visão que continua a influenciar e inspirar a filosofia. O texto representa um convite para reconsiderar a prática filosófica e a maneira como entendemos a existência, destacando a importância de uma investigação mais profunda e autêntica do Ser.

Referências

HEIDEGGER, M. Qu'est ce que la philosophie? Em *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores.), pp. 13-24. Original de 1956.

HEIDEGGER, M. *A caminho da Linguagem*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. Original de 1959.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo – Parte I*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ : Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2005. Original de 1927.

LEYTE, A. *Heidegger - O fracasso do Ser*. Tradução de Filipa Velosa. São Paulo: Salvat, 2015.

OLIVEIRA, M. A. de. *Reviravolta Lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. Coleção Filosofia. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

REALE, G.; ANTISERI, D.. *História da Filosofia: Do romantismo até nossos dias*. (vol. III). 2. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

AQUINO, J. [Poesia como discurso privilegiado]. WhatsApp. 29 de agosto de 2024. 15:59. 1 mensagem de WhatsApp.